

# Literatura Como Crítica Social: A Sátira Da Sociedade Brasileira Em *Os Bruzundangas*

Lauro Luis Souza de Henrique<sup>1</sup>  
Leandro De Bona Dias<sup>2</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo foi elaborado a fim de investigar de que modo a sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX é representada na obra *Os Bruzundangas*, do autor carioca Lima Barreto. Além disso, buscamos comprovar, por meio da análise realizada e tendo em vista a perspectiva bakhtiniana de linguagem como fenômeno material, integrante e também resultado de processos sociais, históricos e culturais, a importância da literatura enquanto ferramenta para discussão da sociedade brasileira.

A escolha da obra *Os Bruzundangas* é justificada por se tratar de um livro que assume as características do gênero sátira. Ao discutir este gênero e as atribuições a ele dadas, Soethe (2003, p. 157) cita Brummack, autor que atribui à sátira, do ponto de vista da teoria literária, “um sentido mais específico [...] qual seja o de representação estética e crítica daquilo que se considera errado (contrário à norma vigente). Isso implicaria, na obra, a intenção de atingir determinados objetivos específicos”. A análise de um texto satírico demonstra, portanto, ser mais frutífera, podendo ser encontrada ali uma representação crítica da sociedade brasileira. Contribui para essa hipótese o fato de que o próprio autor da obra, Lima Barreto, julgava ser papel do escritor desvelar os problemas da sociedade em que vive, conforme aponta o crítico literário Antonio Cândido (2003, p. 39):

Para Lima Barreto a literatura devia ter alguns requisitos indispensáveis. Antes de mais nada, ser sincera, isto é, transmitir diretamente o sentimento e as idéias do escritor, da maneira mais clara e simples possível. Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento, incompreensão. Isto, porque no seu modo de entender ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência

Dessa maneira, explica-se a opção pela análise de uma obra ainda pouco explorada pelo meio acadêmico e escrita por um autor cujos ideais literários sempre estiveram a serviço dos ideais sociais, sendo Lima Barreto um homem que sempre demonstrou comprometimento em retratar a realidade de seu país de forma ousada e crítica, principalmente em terras onde estes dois adjetivos parecem ser indissociáveis.

---

<sup>1</sup> Egresso do Curso de Letras da UNESC.

<sup>2</sup> Egresso do Curso de Letras da UNESC e integrante do Grupo de Pesquisa Littera.

## 2 METODOLOGIA

A análise realizada pautou-se na ideia de que ao olhar para uma obra literária com vistas a estudá-la, o pesquisador não deve prender-se somente às questões internas do texto, tais como estilo e linguagem, nem tampouco às questões de ordem puramente sociais, esquecendo-se das particularidades reservadas à linguagem literária, uma vez que

[...] a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. [O social] importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CÂNDIDO, 2006, p. 13-14)

Assim sendo, trabalhamos aqui com uma análise que buscou interpretar o texto de Lima Barreto tanto do ponto de vista da forma quanto do contexto social em que o autor estava inserido. Mostrou-se, portanto, imprescindível para a análise de *Os Bruzundangas* um estudo acerca da sociedade brasileira da época e, principalmente do Rio de Janeiro, então capital da República, e local onde o escritor Lima Barreto viveu. Para tanto foram utilizados historiadores como Sevcenko (1998), Barick e Mota (1998) e Teixeira (2008), que falam sobre a cidade carioca que mostrava uma enorme preocupação em transformar-se numa pequena Paris de ar cosmopolita.

Embora entendamos como indispensável à escrita deste artigo uma contextualização histórica é importante esclarecer que ao falarmos de representação não estamos tomando o texto literário como reprodução de uma determinada realidade. A representação de que tratamos leva em consideração fatores ligados ao autor e entende a construção do discurso de Lima Barreto, assim como qualquer discurso, sempre carregado de ideologias, tratando-se aqui, portanto, de uma análise da representação do Rio visto por meio do texto deste autor carioca.

## 3 RESULTADOS

Em *Os Bruzundangas*, Lima Barreto se coloca como um estrangeiro que em visita a este país (a Bruzundanga) escreve crônicas que relatam suas impressões sobre vários aspectos desta pátria mais que ficcional. Utilizando o recurso de se colocar distanciado do objeto alvo da

crítica (WÖLFEL *apud* SOETHE, 2003), o escritor carioca sente-se à vontade para criticar com um humor ácido, e por vezes cínico, vários aspectos de um país que queria se tornar europeu. A seguir veremos alguns recortes que demonstram um pouco de como Lima Barreto enxerga a Bruzundanga.

Em crônica sobre aqueles que exercem o poder político do país, ou seja, deputados, senadores, presidentes e demais chegados, o autor descreve, aliás, observem a ironia presente também nos nomes com os quais Lima batiza seus “personagens”, bem, o autor descreve da seguinte maneira o deputado Felixhimino Bem Karpatoso:

A fama do doutor Karpatoso subia e a sua elegância também. Fez uma viagem à Europa, para estudar o mecanismo financeiro dos países do Velho Mundo. Voltou de lá naturalmente mais sábio; o que, porém ele trouxe de fato, nas malas, e foi verificado pelos elegantes do país, foram fatos, botas, chapéus, bengalas, *dernier bateau*, como dizem os *smarts* das colônias francesas da África, da América e da Oceania (BARRETO, 1998, p. 30).

Aqui observamos a crítica do autor àqueles que apenas por terem estado fora do país por algum tempo, ao regressarem são tratados como verdadeiros sábios e dignos da mais alta consideração. Ao afirmar que o experiente deputado não trouxe consigo mais do que roupas, chapéus e acessórios fica claro que a excursão realizada teve como principal finalidade para Karpatoso a obtenção de bens superficiais que pudessem lhe agregar um pouco mais de charme e de glamour, não tendo o ilustre deputado dispensado seu tempo precioso no exterior a qualquer tipo de estudo ou de análise do mecanismo financeiro o que, aliás, constituía o real motivo de sua saída da Bruzundanga.

Lima Barreto retrata aqui um país que ainda pode ser visto ao lermos as manchetes de jornal e encontrarmos deputados e outros colegas de bancada sob investigação por terem se utilizado de dinheiro público em viagens “a trabalho”, para participar de “congressos” em cidades turísticas. Ao menos os nossos Karpatosos de hoje não cometem a heresia de voltar destes encontros sem trazerem nas malas alguns certificados e diplomas facilmente comprados.

Ainda nesta mesma crônica, Lima Barreto descreve assim a economia bruzundanguense:

O país vivia de expedientes, isto é, de cinquenta em cinquenta anos, descobria-se nele um produto que ficava sendo a sua riqueza. Os governos taxavam-no a mais não poder, de modo que os países rivais, mais parcimoniosos na decretação de impostos sobre produtos semelhantes, acabavam, na concorrência, por derrotar a Bruzundanga; e, assim, ela fazia morrer a sua riqueza, mas não sem os estertores de uma valorização duvidosa. (BARRETO, 1998. p.29)

Aqui temos a alusão e crítica à economia de monocultora do Brasil do século XX. Durante a chamada República Velha, nosso país pautou sua economia na importação de produtos que

pareciam provir de uma fonte inesgotável. Contudo, o país viu o café, tido na época como o ‘ouro verde’, ser abalado pela superprodução e com a borracha, exemplo ao qual Lima Barreto faz alusão no trecho acima destacado, o desastre veio com a alta taxa de impostos que o governo brasileiro impunha aos compradores do produto; resultado, conforme Braick e Mota (1998), nosso país não pôde fazer frente à concorrência dos ingleses que cultivavam seringueiras na Ásia e não eram tão generosos quanto a Bruzundanga na taxação do produto. Mais uma vez, a visão do escritor carioca sugere de forma irônica como um país pode em nome de sua ganância e da falta de planejamento destruir e pouco a pouco transformar em um problema os produtos que há pouco tanta riqueza haviam gerado.

Por fim, neste breve resumo, vejamos de que modo eram escolhidos os servidores públicos na República da Bruzundanga. Aqui temos o curioso diálogo entre um ministro e um candidato à vaga amanuense:

– Descanse um pouco, meu filho; e, depois, escreva-me uma carta ao Ministro do Interior sobre a necessidade da Bruzundanga se fazer representar no Congresso de Encaixotamento de Pianos em Seul.

O lindo Wolfe esteve a pensar um pouco e retrucou titubeando:

- Vossa Excelência compreende que... Eu! De uma hora para outra... Compreende Vossa Excelência que não tenho prática... Com o tempo... Mais tarde...

Era só redigir cartas o que ele não sabia; mas, sendo elegante, bonitinho, bom dançador, tinha todas as boas qualidades para um aperfeiçoado amanuense do extraordinário Pancome. [...] Foi uma acertada nomeação, e sábia, que veio provar o quanto são tolos os regulamentos e as leis que exigem dos amanuenses a vetusta ciência de saber redigir cartas. [...] Feito amanuense, aprendeu logo a copiar minutas e, em menos de seis anos, Sune, o tal da carta, acabou eleito, por unanimidade, membro da Academia de Letras da Bruzundanga. Ficou sendo o que aqui se chama – um ‘expoente’ (BARRETO, 1998, p. 102)

Ora, o cômico por vezes toma contornos trágicos, e o que Lima Barreto faz aqui, embora tenha um tom hilário de *non-sense*, desvela uma sociedade em que a qualificação nos cargos públicos tem peso zero, estando estes cargos, em sua maioria, reservados aos parentes, amigos e pessoas indicadas por todas as razões menos a de ser a pessoa com os conhecimentos específicos para assumir a vaga, tal qual o nosso amanuense incapaz de produzir uma epístola. Este pequeno diálogo pode ser retomado para discutirmos se realmente a sociedade brasileira já conseguiu se livrar dessa prática e garantir a lisura dos processos de admissão, principalmente no que diz respeito aos cargos públicos.

Sobre o processo de europeização do Brasil, levado a cabo pelo então prefeito da cidade Pereira Passos, Lima Barreto assim o descreve assim:

[...] eis a Bruzundanga, tomando dinheiro emprestado, para pôr as velhas casas de sua capital abaixo. De uma hora para outra, a antiga cidade desapareceu e outra

surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na coisa muito de cenografia. (BARRETO, 1998, p. 70)

O *bota-abaixo*, como ficou conhecido o processo de derrubada de morros e da construção de avenidas no Rio de Janeiro daquela época, é aqui alvo da crítica de um atento escritor que percebe muito bem a tentativa do Rio de Janeiro de se tornar uma metrópole ‘limpa’ e adequada aos modernismos europeus, tendo como principal referência a capital da França. Mais a frente, Lima Barreto cita um dos anúncios luminosos que encontra no efervescente centro daquele estranho país: “Bruzundanga, País rico – Café, cacau e borracha. Não há pretos” (BARRETO, 1998, p.98). É notável neste trecho a luta da cidade para negar

[...] todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 1998, p. 30)

Como aponta o historiador, o momento era de uma transformação forçada sem se importar com as conseqüências que ela traria para a população, tudo era feito em nome do progresso. Nestes pequenos trechos aqui selecionados, podemos perceber o escritor carioca Lima Barreto comprometido com a sua visão de que, conforme Antonio Cândido (2003) já nos dissera, a literatura deve ser sincera e estar empenhada em destacar os problemas humanos e sociais.

#### **4 CONCLUSÕES**

Após a análise realizada, podemos agora indicar alguns resultados obtidos. A representação do Brasil na obra *Os Bruzundangas* de Lima Barreto revela-nos um país que põe os interesses pessoais acima dos interesses públicos, que possui uma prática econômica sem planejamento, mostrando-se incapaz de gerir e administrar com eficácia os produtos que exporta. Também está representado no texto do autor a transformação pela qual passava a capital da República, mais preocupada em governar para uma pequena elite e em criar uma imagem de metrópole européia, sem pobres e com largas e bonitas avenidas, do que em zelar pelo bem-estar da maioria de sua população.

Utilizando-se do gênero sátira, Lima Barreto consegue mostrar-se, nas palavras de Teixeira (2008, p. 6) “o tipo perfeito de analista social, mas um analista de combate, não se limitando a mostrar os fundos da cena, o que vai pelos bastidores, toma partido, assinala o que há de falso, de mentiroso na linguagem dos outros [...]”. Além disso, o autor é capaz de cativar o

leitor pela comicidade e também pela atualidade de seu texto, o que comprova a hipótese de que a literatura pode ser uma ferramenta útil para a discussão da sociedade. Por isso é que a utilização do texto *Os Bruzundangas* também em sala de aula mostra-se auspicioso, uma vez que pode ser trabalhado em pequenas doses, já que o livro é composto de capítulos independentes.

Por fim, o presente trabalho pôde comprovar, por meio da análise realizada, a relevância da obra de Lima Barreto como representação da sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX, e evidenciar o papel da literatura como fonte de discussão social, ficando aqui com sugestão aos professores a utilização desta rica obra literária em sala de aula e também como objeto de novas pesquisas, já que possui um campo de estudo ainda pouco explorado pela academia.

## 5 REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo: Moderna, 1998.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Cambridge, Mass: Perspectiva, 2008.

CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

SOETHE, Paulo Astor. *Sobre a sátira: contribuições da teoria literária alemã da década de 60*. Revista Fragmentos, Florianópolis, n. 25, p. 155 - 175, jul/dez. 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/7685/022>. Acesso em novembro de 2011.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Imagens urbanas da cidade escrita: Machado de Assis e Lima Barreto: um Rio de Janeiro escrito a quatro mãos*. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, MG, Vol.5 Ano V n. 1, Jan/Fev/Mar/ 2008. Disponível em: [http://www.revistafenix.pro.br/PDF14/Artigo\\_6\\_Nincia\\_Maria\\_Teixeira.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF14/Artigo_6_Nincia_Maria_Teixeira.pdf). Acesso em novembro de 2011.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História da vida privada no Brasil: República: da belle époque à era do rádio*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

Wölfel, K. Epische Welt und Satirische Welt : Zur Technik des satirischen Erzählens. *Wirkendes Wort*, p. 85-98, 1960. In: SOETHE, Paulo Astor. *Sobre a sátira: contribuições da teoria literária alemã da década de 60*. Revista Fragmentos, Florianópolis, n. 25, p. 155 - 175,

jul/dez. 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/7685/022>. Acesso em novembro de 2011.